

Entre o olhar e o significado: o papel das imagens na formação da identidade e da memória

Between look and meaning: the role of images in identity and memory formation

Entre la mirada y el significado: el papel de las imágenes en la formación de la identidad y la memoria

DOI: 10.5965/25944630922025e6863

Jair Fernando Alves da Silva

Instituição: Universidade Federal de Rondônia

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-7576-3023>



Licenciante: *Revista de Ensino em Artes, Moda e Design*, Florianópolis, Brasil.

Este trabalho está licenciado sob uma licença **Creative Commons Attribution 4.0 International License**.

Publicado pela Universidade do Estado de Santa Catarina



Copyright: © 2025 pelos autores.

Submetido em: 18/02/2025
Aprovado em: 31/05/2025
Publicado em: 01/06/2025

Resumo

Este artigo investiga o papel das imagens na construção das identidades e memórias coletivas a partir de uma perspectiva filosófica. As imagens, desde a arte rupestre até a era digital, atuam como elementos fundamentais na organização e preservação das experiências sociais, influenciando narrativas históricas e estruturando memórias compartilhadas. A discussão fundamenta-se em conceitos de autores como Maurice Halbwachs, Walter Benjamin e Roland Barthes, que exploram a relação entre memória, identidade e representação visual. Além disso, examina-se o impacto da reprodutibilidade técnica das imagens e seu papel político na contemporaneidade. A análise busca demonstrar como a cultura visual molda a consciência social, reforçando ou desafiando discursos dominantes.

Palavras-chave: Memória coletiva. Identidade cultural. Representação visual. Filosofia da imagem. Reprodutibilidade técnica.

Abstract

This article investigates the role of images in the construction of collective identities and memories from a philosophical perspective. Images, from cave art to the digital age, act as fundamental elements in the organization and preservation of social experiences, influencing historical narratives and structuring shared memories. The discussion is based on concepts from authors such as Maurice Halbwachs, Walter Benjamin and Roland Barthes, who explore the relationship between memory, identity and visual representation. In addition, the impact of the technical reproducibility of images and their political role in contemporary times is examined. The analysis seeks to demonstrate how visual culture shapes social consciousness, reinforcing or challenging dominant discourses.

Keywords: Collective memory. Cultural identity. Visual representation. Philosophy of the image. Technical reproducibility.

Resumen

Este artículo investiga el papel de las imágenes en la construcción de identidades y memorias colectivas desde una perspectiva filosófica. Las imágenes, desde el arte rupestre hasta la era digital, actúan como elementos fundamentales en la organización y preservación de experiencias sociales, influyendo en las narrativas históricas y estructurando memorias compartidas. La discusión se basa en conceptos de autores como Maurice Halbwachs, Walter Benjamin y Roland Barthes, quienes exploran la relación entre memoria, identidad y representación visual. Además, se examina el impacto de la reproducibilidad técnica de las imágenes y su papel político en la época contemporánea. El análisis busca demostrar cómo la cultura visual moldea la conciencia social, reforzando o desafiando los discursos dominantes.

Palabras clave: Memoria colectiva. Identidad cultural. Representación visual. Filosofía de la imagen. Reproducibilidad técnica.

¹ Jair Fernando Alves da Silva é mestrando em Filosofia pela Universidade Federal de Rondônia, pesquisa o conceito de reconhecimento em Hegel. Integra o grupo Bioética na Amazônia e atua nas interfaces entre ética, imagem e identidade. E-mail: vonnoble@outlook.com | Lattes: <https://lattes.cnpq.br/2534265341074608> | ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-7576-3023>

1 Introdução

A imagem sempre desempenhou um papel fundamental na construção do sentido e na mediação da realidade. Desde as pinturas rupestres até a era digital, elas moldam percepções, influenciam narrativas históricas e ajudam a estruturar memórias sociais. A filosofia clássica até os debates contemporâneos, pensadores têm se dedicado a compreender como as representações visuais moldam percepções, identidades e relações sociais. Platão, por exemplo, via as imagens como meros simulacros que afastam o ser humano do conhecimento verdadeiro, enquanto Nietzsche enxergava a arte como uma necessidade vital para interpretar e reorganizar a realidade. Já na contemporaneidade, autores como Baudrillard argumentam que vivemos em uma era de hiper-realidade, onde as imagens não apenas representam o mundo, mas o substituem, dissolvendo a distinção entre real e representação.

Além da dimensão ontológica, a imagem também carrega implicações éticas e políticas. Levinas nos alerta para os riscos da objetificação do outro quando a imagem substitui a presença, transformando indivíduos em meros objetos de consumo visual.

No contexto digital, essa problemática se intensifica, pois a circulação incessante de imagens afeta a construção da identidade e da memória coletiva, podendo reforçar estereótipos ou desafiar estruturas de poder.

Dessa forma, compreender a estética e a filosofia da imagem exige uma abordagem ampla, que considere tanto suas implicações metafísicas e epistemológicas quanto suas consequências sociais e éticas. Este estudo busca explorar como a imagem não apenas reflete a realidade, mas a constrói, influenciando a maneira como percebemos o mundo e nos relacionamos com ele.

A partir de uma perspectiva filosófica, este artigo examina como as imagens contribuem para a construção da identidade e da memória coletiva, considerando conceitos de autores como Maurice Halbwachs, Walter Benjamin e Roland Barthes. Além disso, explora como as imagens se tornaram um elemento essencial na comunicação contemporânea e na formação da consciência social.

2 Imagens e Memória Coletiva

O conceito de memória coletiva, desenvolvido por Maurice Halbwachs (2004), enfatiza que nossas lembranças são sempre mediadas pelo contexto social.

"Nenhuma lembrança é puramente individual, pois cada uma delas se insere em um quadro social" (Halbwachs, 2004, p. 42).

As imagens funcionam como vetores dessa memória, organizando e preservando experiências comuns. Fotografias históricas, monumentos e artefatos visuais desempenham um papel crucial ao manter viva a lembrança de momentos significativos. A fotografia do homem na Lua, por exemplo, é mais do que um registro: é um símbolo da conquista humana.

Com a ascensão das redes sociais e a proliferação de fake news, a memória coletiva tornou-se um campo de disputa. Diferentes grupos sociais criam suas próprias versões da história, muitas vezes manipulando imagens para reforçar determinadas narrativas. Assim, é essencial questionar a autenticidade e o impacto dessas representações.

3 A Aura e a Reprodutibilidade Técnica

Walter Benjamin, em seu ensaio *A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica* (2012), argumenta que a reprodução em massa das imagens transforma sua relação com o espectador. O conceito de "aura" refere-se à singularidade de uma obra de arte em seu contexto original, mas com a era da reprodução técnica, essa aura se dissipa.

"Mesmo a reprodução mais perfeita de uma obra de arte é desprovida de um elemento: sua presença no tempo e no espaço, sua existência única no lugar em que se encontra" (Benjamin, 2012, p. 170).

Isso tem implicações diretas na forma como as imagens moldam identidades e memórias, pois facilita sua apropriação e ressignificação. Entretanto, também democratiza o acesso à arte e à informação, permitindo que movimentos sociais criem suas próprias narrativas, como ocorreu com as imagens virais dos protestos em Hong

Kong.

No entanto, a reprodutibilidade também democratiza o acesso às imagens, permitindo que comunidades marginalizadas e movimentos sociais utilizem a fotografia, o vídeo e outras formas de representação visual para criar suas próprias narrativas.

A circulação massiva de imagens pode tanto reforçar quanto desafiar estruturas de poder estabelecidas.

4 Imagens e a Construção da Identidade

Roland Barthes, em *A Câmara Clara* (1984), explora a natureza das fotografias e sua relação com a identidade. Para ele, "a fotografia reproduz mecanicamente aquilo que nunca mais poderá repetir-se existencialmente" (Barthes, 1984, p. 22).

As imagens não só capturam momentos, mas também os interpretam, conferindo-lhes significados que transcendem o instante registrado. No contexto da identidade coletiva, isso se reflete na forma como determinados eventos e figuras são retratados visualmente, reforçando ou desafiando discursos sociais dominantes.

As redes sociais reforçam essa dinâmica, tornando a autoimagem uma questão central na formação da identidade contemporânea. Perfis cuidadosamente editados no Instagram, por exemplo, mostram como a identidade visual é construída de maneira performática.

As imagens também são utilizadas para afirmar pertencimentos culturais e pessoais. Em um mundo cada vez mais visual, a autoimagem e a identidade são moldadas por representações compartilhadas nas redes sociais, na publicidade e nos meios de comunicação.

Esse fenômeno provoca questionamentos sobre autenticidade e construção da subjetividade.

5 Imagens e a Construção da Identidade

A relação entre imagem e significado sempre foi uma preocupação filosófica, especialmente na estética. Para Friedrich Nietzsche (2007), a arte e a imagem são modos fundamentais de interpretação do mundo, uma vez que a realidade não nos é acessível sem mediações simbólicas. Sua distinção entre os impulsos apolíneo e dionisíaco revela como as imagens oscilam entre ordem e caos, entre representação estruturada e experiência intensa.

"Temos a arte para não perecermos da verdade" (Nietzsche, 2007, p. 44), afirma o filósofo, indicando que as imagens não são apenas reflexos da realidade, mas formas de organizá-la e dar-lhe sentido.

A partir dessa perspectiva, as imagens não apenas documentam ou refletem, mas constroem narrativas que fundamentam identidades e experiências compartilhadas.

A fotografia, por exemplo, pode tanto reforçar ideais clássicos de beleza e harmonia quanto capturar momentos disruptivos e contestadores, influenciando a percepção que indivíduos e grupos têm de si mesmos.

6 O Poder Político das Imagens

As imagens são também ferramentas políticas poderosas. Regimes políticos utilizam a iconografia para consolidar seu poder, enquanto movimentos de resistência produzem imagens alternativas para desafiar narrativas oficiais.

"As imagens visuais, como a propaganda política, têm o poder de mobilizar massas e incutir sentimentos de pertencimento ou exclusão" (Benjamin, 2012, p. 184).

O simbolismo das imagens pode reforçar sentimentos de pertencimento ou alienação, contribuindo para disputas ideológicas e culturais.

Atualmente, o uso das imagens como instrumento de manipulação midiática é um tema relevante. Fake news, deepfakes e montagens alteram a percepção da realidade, criando um espaço onde verdades concorrentes disputam atenção. O poder

político das imagens reside não apenas no que elas mostram, mas também no que escolhem ocultar.

7 A ontologia da imagem: representação e realidade

A relação entre imagem e realidade é um problema filosófico clássico, presente desde Platão. No Livro X da República, Platão (2008) critica a arte como um simulacro, uma mera cópia da realidade que afasta os indivíduos do conhecimento verdadeiro. No entanto, na contemporaneidade, filósofos como Jean Baudrillard (1991) argumentam que vivemos em uma era de simulacros, onde as imagens não apenas representam a realidade, mas a substituem.

"O real já não é o que era. Há apenas o hiper-real" (Baudrillard, 1991, p. 8).

Nesse contexto, a identidade e a memória coletiva passam a ser formadas não apenas pela experiência direta, mas também pela mediação incessante de imagens que circulam na cultura digital. A proliferação de representações visuais cria realidades paralelas, questionando a própria noção de autenticidade. Assim, a imagem torna-se um território de disputa entre o que é percebido como verdadeiro e o que é manipulado para parecer verdadeiro.

8 Imagens, verdade e interpretação: uma perspectiva filosófica

A relação entre imagens e verdade é um tema clássico da filosofia, abordado por autores como Martin Heidegger e Hans-Georg Gadamer. Heidegger (2002), ao discutir a essência da arte, argumenta que a imagem não é uma mera cópia do real, mas uma manifestação do ser.

Segundo ele, "a obra de arte instaura a verdade, abrindo um mundo e permitindo que o ser se revele" (Heidegger, 2002, p. 50). Nesse sentido, as imagens não apenas representam a realidade, mas participam de sua construção.

Gadamer (1997), em sua hermenêutica filosófica, destaca que toda imagem requer uma interpretação, pois nunca se apresenta de maneira neutra.

"A compreensão não é um ato isolado, mas um diálogo contínuo entre o observador e a tradição que se manifesta na imagem" (Gadamer, 1997, p. 87).

Assim, as imagens não são estáticas, mas se transformam conforme os contextos culturais e históricos nos quais são inseridas. Essa perspectiva filosófica enfatiza que a imagem é sempre uma mediação entre o sujeito e a realidade, carregando consigo significados que vão além da mera aparência. O que vemos em uma imagem depende não apenas de seus elementos visuais, mas do horizonte interpretativo de quem a observa.

9 Imagem, alteridade e o olhar filosófico

A filosofia fenomenológica, especialmente em Emmanuel Levinas (1988), propõe uma reflexão sobre a relação entre imagem e alteridade. Para Levinas, o rosto do outro é um chamado ético irreduzível, uma presença que exige responsabilidade. No entanto, quando a imagem substitui a experiência do outro, há um risco de objetificação.

"O rosto fala, e a fala do rosto é antes de tudo um apelo" (Levinas, 1988, p. 99).

Esse problema se agrava na era digital, onde imagens de indivíduos e grupos são recortadas e recontextualizadas sem seu consentimento, moldando identidades de maneira impessoal. O documentário *O Dilema das Redes* (2020) mostra como a exposição excessiva e a distorção de identidades online podem gerar impactos psicológicos e sociais.

Isso levanta questões sobre representação e justiça: quem tem o direito de definir a identidade do outro através da imagem? A filosofia da imagem, portanto, precisa considerar os impactos éticos da sua produção e circulação, especialmente no que se refere à representação de minorias e grupos historicamente marginalizados.

10 Considerações finais

A relação entre imagens, identidade e memória coletiva é complexa e multifacetada. Através da filosofia, podemos compreender melhor como as imagens são utilizadas para estruturar a memória social e influenciar a formação da identidade coletiva. No mundo contemporâneo, onde a disseminação de imagens ocorre de maneira instantânea e globalizada, a reflexão filosófica sobre seu impacto se torna ainda mais relevante.

A relação entre imagem, sentido e realidade tem sido um tema recorrente na filosofia, atravessando diferentes períodos e correntes de pensamento. Desde a oposição entre apolíneo e dionisíaco em Nietzsche, passando pela crítica platônica ao simulacro e chegando às análises contemporâneas de Baudrillard e Levinas, percebe-se que a imagem nunca é um mero reflexo do real, mas uma construção que orienta percepções e identidades.

A mediação digital intensifica a complexidade desse fenômeno, ampliando o alcance das imagens, mas também aumentando os desafios éticos de sua produção e circulação.

A era do hiper-real, conforme diagnosticada por Baudrillard, e a objetificação da alteridade discutida por Levinas nos convidam a repensar o papel da imagem na constituição da experiência humana. Se, como afirmava Nietzsche, “temos a arte para não perecermos da verdade”, é preciso também reconhecer que a imagem não é neutra: ela estrutura narrativas, estabelece relações de poder e molda a forma como nos compreendemos e compreendemos o outro.

Dessa maneira, uma filosofia da imagem no século XXI deve ir além da mera análise estética ou ontológica e incorporar uma dimensão ética e crítica. O estudo das imagens exige uma abordagem que considere não apenas seu impacto na construção do sentido, mas também seu papel na configuração de realidades sociais, políticas e culturais.

Ao incorporar exemplos concretos e contrapontos teóricos, este estudo amplia o debate sobre a influência da cultura visual em nossas vidas. Compreender as

imagens como agentes ativos na formação da sociedade permite uma visão crítica sobre como elas estruturam narrativas, estabelecem relações de poder e moldam a forma como nos compreendemos e compreendemos o outro e a influência da cultura visual em nossas vidas. A intersecção entre tecnologia, política e identidade exige um olhar atento e uma discussão filosófica constante.²

² Correção gramatical realizada por: GILIANE PERIN, Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo, Universidade Federal de Rondônia, 2007 e gilianeperin@gmail.com.

Referências:

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**: Nota sobre a Fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacres et Simulation**. Paris: Galilée, 1991.

BENJAMIN, Walter. **A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica**. Porto Alegre: L&PM, 2012.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes, 1997.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HEIDEGGER, Martin. **A Origem da Obra de Arte**. São Paulo: Edições 70, 2002.

LEVINAS, Emmanuel. **Éthique et Infini**: Dialogues avec Philippe Nemo. Paris: Fayard, 1988.

NIETZSCHE, Friedrich. **O Nascimento da Tragédia**: ou helenismo e pessimismo.. Tradução de Jacó Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

O DILEMA DAS REDES. Direção: Jeff Orlowski. Produção: Larissa Rhodes. Estados Unidos: Netflix, 2020. 1 vídeo (94 min).

PLATÃO. **A República**. Livro X. São Paulo: Martin Claret, 2008.